

Identidade feminina e representações na série *Coisa Mais Linda*¹

Emely CARDOSO²

Éverly PEGORARO³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro

RESUMO

Esse artigo objetiva analisar representações femininas na série *Coisa Mais Linda*, em relação às identidades, às problemáticas e aos lugares delegados às mulheres da época retratada, fins de 1950. O estudo foi feito a partir das concepções de identidade, representação e feminino. A metodologia utilizada foi a de análise da narrativa seriada (Azubel, 2018). Por meio da produção, é possível analisar a perspectiva de quatro mulheres que resistem em situações marcadas por machismo, patriarcado, busca feminina por direitos políticos, acesso ao mercado de trabalho e o direito ao divórcio.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura da mídia, série de época, representação, identidade, feminino.

MULHERES, LIBERDADE E A DÉCADA DE 1950

Anos dourados, também conhecida como a década de 1950. Uma época de transformações sociais, urbanas e tecnológicas, após a 2ª Guerra Mundial. No Brasil, além de ser conhecido como um período de boa vida, o retorno do tradicional e dos bons costumes também se destacou (Bassanezi, 2007). Foi uma era em que as mulheres deveriam retornar aos “bons modos”, a viver aquilo que era tradicional para a sociedade. Moças deveriam se respeitar e dedicar seu tempo a afazeres domésticos, eram encorajadas pela sociedade a acharem ótimos pretendentes para então casarem-se. Além disso, já

¹ Trabalho apresentado na IJ 06 – Jornalismo do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 08 a 10 de junho de 2023.

² Aluna do 2º ano do curso de Jornalismo da Unicentro. Bolsista do Programa de Iniciação Científica da Unicentro 2022-2023, pela Fundação Araucária. E-mail: Emely-cardoso12@hotmail.com.

³ Professora do Departamento de Comunicação da Unicentro. Orientadora do trabalho. E-mail: everlypegoraro@unicentro.br.

deveriam estar preparadas para o papel de dona de casa e mãe. As mulheres só tinham um único objetivo, cuidar da família e da casa, aquelas que fizessem o oposto ficavam mal faladas na sociedade e eram categorizadas como rebeldes, como detalha Bassanezi (2007). Já o papel do homem era de satisfazer prazeres, achar uma boa esposa, casar-se, ter filhos e sustentar a família, além de ter a liberdade de ir e vir. Mulheres eram encorajadas a evitar conflitos com os maridos e, em casos de traição, deveriam aceitar a situação e buscar reforçar o matrimônio, pois os atos eram justificados pelo fato de homens terem prazeres e desejos maiores que as mulheres, explica Bassanezi (2007). Esse papel de mulher e boa esposa era reforçado por toda a sociedade, elas aprendiam desde crianças que sua finalidade era essa, e permanecer solteira não era uma opção. A autora destaca que, mesmo sendo uma época de transformações do mercado de trabalho e destaque de novas indústrias, aquelas que buscavam um trabalho frequentemente eram criticadas, pois isso mostrava que seriam desleixadas com afazeres domésticos e cuidados matrimoniais.

Esta pesquisa analisa a série *Coisa Mais Linda*, que tem como contexto o fim da década de 1950, no Rio de Janeiro. Lançada em 2019 na plataforma de *streaming* Netflix, até o presente momento possui duas temporadas. A produção conta a história de quatro mulheres que resistem e lutam por um espaço na sociedade carioca daquele período, marcada por machismo, patriarcado, busca feminina por direitos políticos, acesso ao mercado de trabalho e o direito ao divórcio (Bassanezi, 2007).

Cada uma das personagens retrata um aspecto do contexto social da época. Maria Luiza, Malu (Maria Casadevall) – é de São Paulo e muda-se para o Rio de Janeiro, é uma “moça de família”, filha de Ademar, esposa de Pedro e mãe de Carlinhos, uma mulher rica e totalmente dependente do pai. Ela vai ao Rio de Janeiro para abrir um restaurante com o marido, porém, ao chegar na capital, descobre que Pedro havia roubado e fugido com o dinheiro dela. Ela passa a trabalhar muito para recuperar o que lhe foi roubado e sofre a frustração de não poder abrir o restaurante sem a autorização de um homem, pois na época apenas homens tinham autoridade para ter seu próprio negócio. Durante esse tempo, ela conhece Adélia, que passa a ser sócia do restaurante, uma mulher negra que mora no morro do Rio de Janeiro e que trabalha para sustentar a família. Lígia, amiga de infância de Maria Luiza, também tenta ajudar, uma mulher rica, casada com um político e que tem o sonho de ser cantora, algo que ela nunca conseguiu pela falta de apoio e permissão do marido. E a quarta personagem é Thereza, uma mulher liberal e

independente. Ela retrata a entrada das mulheres no mercado de trabalho da época e, ao lado de seu marido, o qual lhe dá apoio e suporte, busca a liberdade das mulheres nos relacionamentos. É uma das personagens que mais fala sobre o poder feminino e o feminismo. Todas, mesmo que diferentes, buscam por respeito e autonomia, tanto financeiramente quanto em relações afetivas. São representações de mulheres que buscam uma sociedade sem machismo ou estereótipos.

A pergunta principal desta pesquisa é como a série *Coisa Mais Linda* representa questões acerca da identidade feminina. Para isso, delinea-se o contexto da mulher na década de 1950 para, então, analisar as questões vivenciadas pelas personagens, no que se refere a subjetividades e lugares sociais para elas. Os conceitos que amparam o estudo são representação, identidade feminina e cultura de séries. A metodologia de pesquisa é a análise de narrativa seriada, amparada nas obras de Casetti e Di Chio (2013) e Azubel (2018).

Kellner (2010) salienta o papel da cultura da mídia como algo que reforça e auxilia a sociedade a modelar visões, estereótipos e regras. “A cultura da mídia almeja grande audiência, por isso, deve ser eco de assuntos e preocupações atuais, sendo extremamente tópica e apresentando dados hieroglíficos da vida social contemporânea” (Kellner, 2001, p.9). Este argumento relaciona-se às observações de Silverstone (2006) sobre comunicação e cotidiano. “Os significados oferecidos e produzidos pelas várias comunicações que inundam nossa vida cotidiana saíram de instituições cada vez mais globais em seu alcance e em suas sensibilidades e insensibilidades” (Silverstone, 2002, p. 17). Nesta perspectiva, o indivíduo se constrói e renova-se em sentidos construídos a partir de representações, portanto, compreende-se o papel que estabelecemos com a mídia e a importância que tem para nós. Portanto, ao estudar sobre identidade e lugares sociais delegados ao feminino por meio de uma narrativa midiática, é possível entender como representações interferem na forma como os indivíduos e, nesse caso, as mulheres se posicionam social e culturalmente. Compreender essas questões também é uma forma de desconstruir estereótipos enraizados socialmente.

A metodologia aqui utilizada foi a análise de narrativa seriada, amparada nas obras de Casetti e Di Chio (2013) e Azubel (2018). O processo foi dividido em uma pré-análise, em que foi elencada qual seria a cena analisada. Na sequência, foram descritos os

elementos narrativos (enredo, conflito, tempo, contexto), apoiando-se em Casetti e Di Chio (2013). Por fim, efetuou-se a terceira etapa metodológica, que é a interpretação.

A cena analisada para esta pesquisa encontra-se no terceiro episódio da primeira temporada (T1, E3, 6'12", 2019). Thereza é uma repórter de um jornal carioca, na equipe ela e Helô são as únicas mulheres. O jornal em diversos momentos da série é representado como sendo conservador e que buscava se adequar à sociedade da época. Thereza está em reunião com a equipe do jornal e compartilha a ideia para uma reportagem, sobre as mulheres que fazem parte das obras de Brasília (capital em construção no período). Nesse momento, um dos colegas, Gustavo (Wagner Molina) começa a cochichar e rir com o colega do lado. Thereza para de falar e insiste que ele compartilhe o que pensa. Gustavo comenta que mulheres não se interessam por esse assunto e que “somente sapatão se interessa por essas coisas”. Nesse momento, todos os colegas homens riem. O colega sugere falar sobre tecidos, roupas da estação, como ser generosa no decote. Nesse momento, Helô arruma a blusa que está usando e percebe-se um sentimento de constrangimento vindo dela. O chefe interrompe e fala para Thereza que a ideia é interessante, mas que ela deveria falar sobre a miss Brasília. Nesta cena, os homens dão algumas risadas e Gustavo desenha com as mãos a silhueta da mulher a que o chefe se refere. Por fim, o chefe inicia uma conversa com Helô e dá uma sugestão de matéria em que ela deveria escrever sobre qual a roupa ideal para uma mulher usar no primeiro encontro. Tanto Helô quanto Thereza ficam com expressões faciais de desgosto com a situação.

Esse fragmento de cena representa como as mulheres eram vistas como pessoas que devem pensar sobre roupas, regras de etiqueta e como deveriam se portar diante dos homens, Thereza em diversos momentos busca mostrar para os colegas que as mulheres se interessam por assuntos mais relevantes do que eles imaginam. Esse fragmento ainda mostra como eram os estereótipos que as pessoas tinham sobre as mulheres, pois as que usavam roupas decotadas, eram vistas como fáceis e mulheres que não se interessavam por assuntos como roupas, acessório e lar, eram vistas como “sapatões”, pois saíam dos padrões e eram consideradas menos femininas por isso, por fim, este recorte também mostra como o ambiente de trabalho era dominado por homens que falavam sobre assuntos femininos, e que as únicas mulheres presentes não tinham voz para falar sobre assuntos que diziam respeito a elas. A série como um todo, problematiza questões sobre

os lugares delegados ao feminino e a identidade feminina, mesmo sendo adaptada para representar fins de 1950 e a entrada na década seguinte, os desafios enfrentados pelas protagonistas, como nesse caso a de Thereza, mostram assuntos como machismo, racismo e feminicídio, todos tópicos ainda muito presentes na sociedade atual.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

AZUBEL, Larissa Lauffer Reinhardt. *Análise fílmico-compreensiva da narrativa seriada: uma proposta metodológica para ler o imaginário em séries de TV*. Revista *GEMInIS*, São Carlos, UFSCar, v. 9, n. 2, pp.29-45, mai. / ago. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BASSANEZI, Carla. *Mulheres nos Anos Dourados*. In: PRIORE, Mary del (Org). *História das Mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

CASSETTI, Francesco; Di CHIO, Federico. *Cómo analizar un film*. Barcelona: Paidós, 2013.

COISA MAIS LINDA (seriado). 1ª temporada. Direção: Caio Ortiz, Hugo Prata e Julia Rezende. Netflix, 2018.

ESQUENAZI, Jean-Pierre. *As séries televisivas*. Lisboa: Texto & Grafia, 2011.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. 1ª ed. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2016.

JOST, François. *Do que as séries americanas são sintoma*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo: EDUSC, 2001.

LIPOVESTSKY, Gilles. *A Terceira Mulher. Permanência e Revolução do Feminino*. São Paulo: MITTEL, Jason. Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. *Matrizes*, Ano 5 – nº 2 jan./jun. 2012, p. 29-52. Companhia das Letras, 2000.

SANTAELLA, L. (2008). Mulheres em tempos de modernidade líquida. *Comunicação & Cultura*, (6), 105-113.

SILVA, Marcel. *Cultura das séries: Forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade*. *Galáxia*, n. 27, p. 241-52, jun. 2014.

SILVERSTONE, Roger. *Por que Estudar a Mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.